

## DISLEXIA: DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM LIMITAÇÕES E DESAFIOS PARA EDUCAÇÃO.

Adriana Cardoso dos Anjos<sup>1</sup>  
Joaildes Correa de Moraes<sup>1</sup>  
Laura Silbene Alves da Cruz<sup>1</sup>  
Adriane Weckerlin Bello<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo compreender como os profissionais da educação estão enxergando a dislexia nos alunos e verificar qual a metodologia diante de um aluno disléxico. A problemática em questão é investigar: como os professores do ensino fundamental entendem a dislexia? E quais estratégias de ensino aprendizagem os professores podem desenvolver com os alunos disléxicos? Pois quando se trata da educação, é certo que há necessidade em conhecer as principais características desse distúrbio, pois no exercício dessa profissão é bem provável que em algum momento nos deparemos com essa situação. Para obter essa análise utilizou-se de uma pesquisa bibliográfica e de campo por meio de questionários semiestruturados com perguntas abertas e fechadas em duas escolas de Várzea Grande MT. Para suporte teórico fundamentado principalmente em: Alves, et al (2013), Teixeira e Martins, (2014). Espera-se que este artigo seja referência a muitos educadores, para que os ajudem a compreender os disléxicos, propiciando a eles uma vida em ambiente escolar sem preconceito e sem repreensão.

**Palavras Chave:** Dislexia. Distúrbio de aprendizagem. Professor.

### INTRODUÇÃO

A sociedade atual nos mostra, cotidianamente, a importância do valor da leitura e da escrita em nossa conjuntura social. Desta forma, é de fundamental importância que sejam expostos questionamentos acerca das principais dificuldades encontradas por alunos que apresentam dificuldades na leitura e na escrita, a exemplo da dislexia, um distúrbio de aprendizagem que dificulta o acesso à leitura e a escrita.

---

<sup>1</sup> Acadêmicas do 8º semestre do curso de Pedagogia/UNIVAG, período letivo 2017/2. E-mail: [adriana.drika\\_2012@hotmail.com](mailto:adriana.drika_2012@hotmail.com), [joaildes@hotmail.com](mailto:joaildes@hotmail.com), [laura.cruz25@hotmail.com](mailto:laura.cruz25@hotmail.com).

<sup>2</sup> Professora orientadora, Mestre em ciências da Educação/ ensino superior do UNIVAG.

A dislexia é um problema de base cognitiva que afeta as habilidades linguísticas associadas à leitura e escrita, não é uma doença ou patologia, mas sim, impedimento muitas vezes imperceptível, uma vez que o sujeito apresenta inteligência normal ou acima da média e, sem outras causas que justifique a incapacidade para o aprendizado da leitura e escrita. ABD (Associação Brasileira Dislexia).

A escola ao suspeitar que o aluno seja disléxico e mesmo com qualquer outro distúrbio deve realizar uma avaliação com uma equipe multidisciplinar. O diagnóstico é de exclusão, pois é feito por uma equipe multidisciplinar, ou seja, vários especialistas como psicólogos, fonoaudiólogos, neurologistas, pediatra psicopedagogos e oftalmologistas são peças fundamentais para um diagnóstico correto. A criança realizará uma bateria de testes avaliando o nível de inteligência e todas as dificuldades encontradas.

O diagnóstico deve ser esclarecedor tanto para a criança e família quanto para a escola que participará deste processo, e deve-se encaminhar um laudo onde conste o distúrbio para que haja um tratamento adequado, com vistas a um ensino com sistema diferenciado de avaliação.

O presente artigo tem por objetivo compreender como os profissionais da educação estão enxergando a dislexia nos alunos e qual a metodologia diante de um aluno disléxico, pois ao ingressar na escola, a expectativa que os professores têm, é que a criança aprenda a ler e escrever, pois são as competências cognitivas mais valorizadas no processo ensino/aprendizagem.

A problemática em questão é investigar: como professores do ensino fundamental entendem a dislexia? E quais estratégias de ensino aprendizagem que os professores podem desenvolver com os alunos disléxicos? Pois quando se trata da educação, é certo que há necessidade em conhecer as principais características desse distúrbio, pois no exercício dessa profissão é bem provável que em algum momento nos deparemos com essa situação.

O tema de pesquisa surgiu durante o estágio supervisionado em uma escola pública municipal situada na cidade de Várzea Grande, MT. Observamos que a professora tinha muita dificuldade em trabalhar com este tipo de distúrbio, essa situação nos levou a compreender que é preciso analisar o que sabem os educadores a respeito da dislexia.

Nesse contexto, a metodologia é um conjunto de investigação de estudo dos meios e métodos de investigação. A pesquisa qualitativa segundo Bogdan e Biklen (1994, p.17).

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave. A presença do pesquisador, no ambiente onde se desenvolve a pesquisa, é de extrema importância, à medida que o fenômeno estudado só é compreendido de maneira abrangente, se observado no contexto onde ocorre, visto que o mesmo sofre a ação direta desse ambiente.

A abordagem metodológica deste estudo é realizada através de pesquisa bibliográfica, em livros de autores consagrados com objetivo de adquirir informações sobre a dislexia. Foram pesquisadas obras de autores como: Alves, et al (2013), Teixeira e Martins (2014). E pesquisa de campo, com aplicação de questionário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas sobre o tema proposto neste artigo para professores do ensino fundamental da Escola Municipal de Educação Básica (EMEB) Prof. Salvelina Ferreira da Silva, e na Escola Estadual "Salim Nadaf", do município de Várzea Grande. A entrevista foi realizada no mês de outubro de 2017.

Buscou-se compreender melhor o papel dos professores e as contribuições que eles podem dar ao aprendizado e à superação do aluno frente à dislexia, visando, com isso, uma prática educativa eficaz, que promova o desenvolvimento das aprendizagens do aluno disléxico e, assim, ter um aprendizado prazeroso e não excludente.

### **Histórico da dislexia**

O termo dislexia foi criado por um médico oftalmologista, Rudolph Berlin, há mais de um século, designando uma dificuldade de leitura, observada em um dos seus pacientes. No decorrer de mais de 130 anos de pesquisa, muitos profissionais das áreas de saúde e educação incorporaram conclusões em dislexia somente como dificuldades em leitura. Entretanto, na busca de respostas mais precisas, foram também pesquisadas dificuldades com as linguagens expressivas e receptivas, assim como problemas com a soletração, leitura e linguagem matemática (TEIXEIRA; MARTINS, 2014).

O primeiro registro das características da dislexia ocorreu de fato, em 1896, esse caso pioneiro retratava um menino com 14 anos que não conseguia aprender a ler, mesmo com acompanhamento especial. Inicialmente, o termo “cegueira verbal” foi utilizado para fazer referência a essas crianças que não se apropriavam da leitura. A partir desse primeiro caso registrado, outras ocorrências semelhantes surgiram e os estudos foram se intensificando a fim de compreender os fatores que causavam essa cegueira verbal.

Conforme Alves et al, (2013) somente em 1925, o neurologista americano, Dr. Orton, propôs o termo “dislexia específica” para intitular as crianças que não conseguiam aprender a ler mesmo com instruções adequadas. Foi em função da descrição de sintomas afásicos em adultos propostos inicialmente por Dr. Rudolf Berlin, que surgiu o conceito de dislexia específica, relacionando as dificuldades de aquisição da linguagem nas crianças, como propôs Dr. Orton anos depois.

Os estudos desenvolvidos por (ALVES et al, 2013) apontam que na década de 30 a dislexia era vista como um impedimento de habilidades devido a uma lesão cerebral. Anos mais tarde, o termo passa a serem utilizados para rotular, de modo equivocado, todos os alunos que tinham insucesso escolar. Somente a partir dos anos 60, a dislexia começa a fazer referência aos indivíduos com notáveis complicações de ordem linguística. Desse período em diante, o interesse em descobrir as causas e particularidades do distúrbio é despertado nas mais variadas áreas de estudo. É nesse momento histórico que brota a possibilidade de encarar a dislexia como uma dificuldade e não necessariamente uma aprendizagem impossível. Essa visão, que permite enxergar prováveis habilidades no aluno disléxico, prevalece até os dias atuais. Esse traço histórico marcado por descobertas contínuas, evidencia o desenvolvimento dos estudos voltados para a dislexia.

## **1. DISLEXIA NO CONTEXTO ATUAL**

Ao analisar a palavra dislexia, temos a origem do grego *dís*, que expressa dificuldade, e *lexia* que significa linguagem. Assim, entende-se dislexia como sendo uma dificuldade na aquisição da linguagem. O termo disléxico define o indivíduo

desprovido de capacidade na aquisição do conjunto de palavras usadas em uma língua/idioma.

Segundo, ABD (Associação Brasileira de Dislexia) aproximadamente 20% da população mundial sofre deste distúrbio. Os sintomas dependem muito da idade e os primeiros sinais geralmente aparecem nas salas de aula. A dislexia é uma dificuldade específica de aprendizagem da leitura e escrita que condiciona a forma como o indivíduo se percebe e como se relaciona com os seus pares nos mais diversos contextos, desde educacionais até familiares. Assim, como se podem encontrar inúmeras definições do termo dislexia, também os fatores que estão na sua origem têm vindo a sofrer alterações de acordo com as teorias que lhe estão implantadas.

Dislexia é um transtorno genético e hereditário da linguagem, de origem neurobiológica, que se caracteriza pela dificuldade de decodificar o estímulo escrito ou o símbolo gráfico. A dislexia então, num comum conceito, faz parte de um transtorno da linguagem, que compromete o aprendizado da leitura. (TEIXEIRA; MARTINS, 2014)

O saber ler e escrever são uma das aprendizagens mais importantes na vida de uma criança, é a chave que permite o acesso a todos os outros saberes, aprender a ler embora seja uma competência complexa, é relativamente fácil para a maioria das pessoas, mas um número significativo de pessoas, que possuem um nível de inteligência médio ou superior, manifesta dificuldade na sua aprendizagem, o diagnóstico precoce da dislexia é essencial para auxiliar no tratamento do distúrbio, pois quanto mais jovem for a criança no início das intervenções, maior as chances que ela possui de superar a dificuldade. (REVISTA ELETRONICA REI, VOL.06, 2011).

Por outro lado, observa-se que, para compreender esse distúrbio, é preciso compreender o homem enquanto sujeito e objeto, partindo de seu conhecimento, de sua ação dinâmica em direção a si mesmo, ao outro, à natureza e à sociedade (TEIXEIRA; MARTINS, 2014).

Os principais sinais que devem servir de alerta para a suspeita da dislexia ainda em idade pré-escolar são: dificuldade de aprender o nome das letras ou os sons do alfabeto; dificuldade de entender instruções, compreender fala ou material lido; dificuldade para lembrar números, letras ou sequências, questões e direções;

dificuldade de lembrar sentenças ou histórias; atraso na fala e confusão com direções esquerda e direita.

Mas ainda existe uma grande dificuldade em identificar este distúrbio de aprendizado, isto pelo próprio fato de que as crianças aprendem de formas diferentes e com tempos distintos. Assim, uma atenção ainda maior torna-se necessária para identificar aquelas crianças que realmente possuem algum tipo de comprometimento. Essa detecção precisa acontecer o quanto antes para que as crianças possam ser assistidas de forma individualizada por profissionais de saúde e de pedagogia, evitando o fracasso escolar ou amenizando as dificuldades enfrentadas no futuro. Contudo, reconhecer esse distúrbio depende, em grande parte, do círculo de vivência desta criança, ou seja, principalmente dos pais e dos professores (ALVES et al, 2013).

A criança com dislexia é vista pelos pais, professores e colegas como pouco inteligente e, com isso, acaba sendo excluída, deixada de lado, não participando de nenhuma atividade dentro e fora da escola, e com essa exclusão começam a aparecer problemas emocionais, na maioria das vezes as crianças disléxicas ficam depressivas e perdem a vontade de ir à escola, pois frequentemente são castigadas, ameaçadas, pressionadas por não atender as expectativas dos pais e professores. Por conta disso, o aluno disléxico é tido como irresponsável e incapaz, e acaba por reduzir sua vontade de ir à escola, ter amigos e, o que é pior, acaba com os seus sonhos, aumentando as possibilidades de vir a ter problemas emocionais por toda a vida, sobretudo ao longo de sua escolaridade e empenho acadêmico futuro.

Quando o rendimento escolar apresenta problemas, a ajuda especializada de uma equipe multidisciplinar, contendo psicopedagogos e fonoaudiólogos, deve ser procurada. Essa equipe irá se certificar, verificando todas as possibilidades, antes da confirmação do diagnóstico de dislexia. A esse processo dá-se o nome de avaliação multidisciplinar e de exclusão, onde todos outros possíveis distúrbios serão excluídos. O disléxico não deve ser visto como um doente ou paciente, mas sim como um indivíduo saudável que apresenta dificuldades na área da linguagem e necessita de ajuda e tratamento diferenciado no período escolar para que possa atingir os objetivos propostos para cada fase, respeitando suas limitações.

[...] a dislexia define-se como um desempenho na leitura substancialmente abaixo daquilo que seria de se esperar de acordo com o nível da exatidão, velocidade ou compreensão, conforme os resultados de medidas standardizadas de avaliação individual – em função da idade cronológica, do QI e do nível de escolaridade. Esta classificação justifica-se pelo menos em parte o termo desenvolvimento e/ou evolução, uma vez que os sintomas da dislexia se tornam visíveis no decorrer do desenvolvimento, isto é, em um dado momento da evolução histórica da criança, geralmente aquele momento em que a criança se depara com o processo de alfabetização, onde são exigidas habilidades que, com a dislexia, estão de certa forma comprometida ou prejudicada (TEIXEIRA & MARTINS, 2014, p. 19).

Nesse momento é essencial que se desenvolva uma boa relação entre família, escola e os profissionais que estejam atuando diretamente no problema em questão.

Escola, professores e pais precisam parar de pensar em dislexia como um transtorno que cause a troca de letras. Na maioria dos casos, o disléxico nem ao menos identifica os sinais gráficos, letras ou qualquer código que caracterize um texto. Sendo assim, ele não troca letras, porque seu cérebro sequer identifica o que seja uma letra. A criação de leis para o atendimento do disléxico na área de educação especial (Lei 4.095/2008) acabou por legitimar o disléxico como portador de necessidades especiais. Isso chamou atenção para mais estudos, pesquisas, bem como atividades profissionais envolvidas com essa temática em todo o nosso país.

De acordo com a lei de Diretrizes e Bases da Educação (9.394/96) todos os alunos terão direito à educação, respeitando quaisquer limitações e assegurando que suas especificidades, ao serem reconhecidas, mereçam algumas intervenções.

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

I-Currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades; [...].

Para os alunos com dislexia, é particularmente necessário que as habilidades, e não só as dificuldades, sejam reconhecidas. Por isso, os jogos, brinquedos e brincadeiras devem entrar na sala de aula e nas atividades de casa como um recurso importante no desenvolvimento da criança com dificuldade de aprendizagem, visto que é onde o aluno pode se destacar ao vencer uma

competição, ajudando a equipe a superar os obstáculos estipulados na brincadeira, e assim por diante. O disléxico pode se destacar em diversas habilidades fazendo-se importante e se integrando ao grupo.

## **2. O DISLÉXICO E A ESCOLA: PAPEL DO PROFESSOR**

A criança disléxica precisa de um professor encorajador, alguém que lhe apoie e que lhe incentive mesmo quando as coisas não estão indo bem, alguém que não apenas acredite nele, mas que demonstre isso no dia a dia, um professor que compreenda a natureza da dificuldade que ele tem um professor que trabalhe incansavelmente e o auxilie no que precisar. Só assim, além de ter em casa um acompanhamento da mesma forma, haverá grandes possibilidades de um futuro feliz. Não é suficiente incluir uma criança disléxica em sala de aula, precisam-se antes de tudo, professores e coordenadores capacitados em dislexia para poderem atender com eficiência as necessidades que estes apresentarem, porque alunos disléxicos aprendem de uma forma diferente com suas limitações e dificuldades. (TEIXEIRA; MARTINS, 2014).

Diariamente o professor encontra-se frente a uma classe com diferentes áreas do conhecimento, inclusive na linguagem, muitas em função da procedência geográfica, social e cultural. É papel do professor estar atento para a realidade de seus educandos e as particularidades que os envolvem.

Geralmente é na escola, nos primeiros anos, quando ocorre a alfabetização que os alunos disléxicos demonstram sintomas, pois é na escola o local onde a escrita e a leitura são permanentemente utilizadas e valorizadas.

O professor do ensino fundamental e, talvez, professores de português do ensino médio têm maiores condições de perceber dificuldades de letramento que poderiam seguir a necessidade de uma investigação para estabelecer se o aluno tem dislexia. As observações podem incluir informações sobre dificuldades de leitura, escrita e ortografia (FARREL, 2008, p. 38).

O professor de um aluno disléxico deve rever suas estratégias metodológicas, para descobrir habilidades nestes alunos, para que eles possam descobrir-se, conhecer-se e possivelmente destacar-se em outras áreas, pois se disléxicos fracassarem no período escolar, quer dizer que não fracassaram sozinhos: a escola,



do gestor ao professor, conseqüentemente também fracassou. É importante que a criança saiba do seu problema, e que o professor prepare as outras crianças e a turma para que não haja rejeição ao colega, sempre respeitando o seu tempo. Um trabalho de conscientização é sempre válido quando se trata de inclusão. Segundo ABD (Associação Brasileira Dislexia), algumas funções que as escolas devem adotar ao constatar que a criança possui dislexia:

- Dar encorajamento;
- Atender e respeitar as capacidades e os limites das crianças;
- Estar informada para amparar a criança em sua dificuldade;
- Manter o professor da classe familiarizado(s) e sensibilizado(s) com a dislexia para compreender e apoiar a criança na sala de aula, ou ainda reconhecer a necessidade de ajuda extra;
- Desenvolver um clima de paciência, para que as crianças possam ter tempo suficiente para cumprir suas tarefas e até mesmo repeti-las várias vezes para retê-las;

Manter uma relação de troca de experiências e evolução com os pais e, se for o caso, com o profissional que acompanha a criança.

O professor da criança disléxica é aquele que, além da competência, habilidade interpessoal, equilíbrio emocional, tem a consciência de que mais importante do que o desenvolvimento cognitivo é o desenvolvimento humano e que o respeito às diferenças está acima de toda pedagogia. Portanto, é necessário que o professor encaminhe o disléxico para o tratamento e que colabore para que o mesmo tenha sucesso, reconhecendo que só através de um trabalho paciente e constante poderá prestar à criança a ajuda que ela tanto necessita, e quanto mais rápido for detectado o distúrbio, mais fácil será de lidar e trabalhar com a dislexia, uma vez que, minimizadas as frustrações e sentimentos de fracasso que afetam negativamente a motivação do aluno. Infelizmente não há xaropes que melhorem a capacidade de leitura (ABD, Associação Brasileira Dislexia).

Mas existem algumas metodologias e estratégias que devem ser adaptadas para que a criança disléxica desenvolva as suas competências de leitura e escrita.

As crianças têm que olhar para as letras impressas, dizer, ou subvocalizar, os sons, fazer os movimentos necessários à escrita e usar os conhecimentos linguísticos para aceder ao sentido das palavras.

São utilizadas em simultâneo as diferentes vias de acesso ao cérebro, os neurônios estabelecem interligações entre si facilitando a aprendizagem e a memorização. – Estruturado e Cumulativo – organização dos conteúdos a aprender segue a sequência do desenvolvimento linguístico e fonológico. Inicia-se com os elementos mais fáceis e básicos e progride gradualmente para os mais difíceis.

Os conceitos ensinados devem ser revistos sistematicamente para manter e reforçar a sua memorização.

### 3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Nesta abordagem, apresenta-se o resultado de aplicação da metodologia desta pesquisa, que é considerado instrumento de análise, o qual permite avaliação do trabalho das docentes de duas escolas, uma municipal e outra estadual, na cidade de Várzea Grande/MT.

O questionário foi organizado de forma que as questões necessárias fossem abordadas de maneira a avaliar o impacto dos anseios e dúvidas das professoras, no trabalho pedagógico envolvendo os alunos com suspeitas de “dislexia”. Observou-se que entre um ponto e outro houve algumas considerações que se afastaram da finalidade e dos objetivos que eram pretendidos (alguns totalmente alheios sobre o assunto).

Para enriquecer a pesquisa, foi desenvolvido um questionário semi estruturado, composto por 11(onze) questões abertas e fechadas. O questionário foi realizado com três professoras (A, B, C) sendo A e B da escola municipal do ensino fundamental 3º e 5º ano, a terceira professora C é da escola estadual do 6º ano do ensino fundamental.

<b>Participante</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Formação</b>	<b>Tempo de Experiência Profissional</b>
<b>A</b>	41	Feminino	Pós-Graduação Psicopedagogia	Acima de 16 Anos
<b>B</b>	40	Feminino	Psicopedagoga	Acima de 16 Anos

C	51	Feminino	Pedagoga	Acima de 16 Anos
---	----	----------	----------	------------------

Para Alves, (2013), a qualidade da educação depende no desenvolvimento que consiste em tornar-se um bom e capacitado profissional da educação básica, entendendo a relação pedagogos-alunos, pois uma intervenção adequada pode minimizar os efeitos desse problema de aprendizagem que é a Dislexia.

#### 4. ANALISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A primeira questão destinada às três professoras: **O que você entende por dislexia?**

As professoras A e B tem a mesma opinião que a dislexia é um transtorno de aprendizagem na leitura e na escrita, já a professora C entende a dislexia como um distúrbio de leitura, que é causada por uma lesão cerebral.

Em seguida foi questionado: **Como professor, você já identificou alunos com dislexia?**

Com relação à questão seis as professoras A e B responderam que não, mas já tiveram alunos com esse transtorno, a professora C por sua vez respondeu que já identificou alunos com esse distúrbio, e que o professor precisa trabalhar a auto estima do aluno, assim o mesmo vai superando o trauma da sua incapacidade de aprender a ler e escrever corretamente.

Na questão oito foi levantada a pergunta: **Quais são os desafios enfrentados pelos professores em relação ao atendimento educacional especializado (AEE)?**

As professoras A, B e C responderam que os alunos na maioria das vezes não recebem este tipo de atendimento. Pois, a falta de conhecimento de muitos professores os impede de encaminhar os alunos para o atendimento educacional especializado.

Na sequencia foi perguntado: **É possível que um aluno com dislexia aprenda a ler e escrever sem intervenção psicopedagógico?**

As professoras A e B responderam que não, pois é muito importante uma intervenção psicopedagógico ao aluno com dislexia, pois hoje é muito difícil um

professor conseguir trabalhar em sala com aluno disléxico diante de varias complicações (salas lotadas, indisciplinas, e falta de preparo e materiais especializados), no ponto de vista das duas professoras não é possível que um aluno com dislexia aprenda a ler e escrever sem uma intervenção psicopedagógico. Já a professora C pensa diferente que cada caso é um caso, tem alunos que precisam da intervenção o tempo todo para aprender, já outros muitas vezes têm, mas facilidade de entender e aprender o que esta sendo ensinado.

## **5. ANÁLISE DAS RESPOSTAS**

Ao analisarmos as respostas obtidas, percebeu-se que as professoras que responderam aos questionários têm muitas duvidas sobre o que é “dislexia”. De acordo com as resposta das professoras, em relação à primeira questão, observa-se que independente de não ter participado de algum curso especifico na área, as professoras conseguiram registrar o seus conceitos em parte.

Observa-se que as professoras reportaram na sua fala que a dislexia é um transtorno e distúrbio de aprendizagem, nenhuma confirmou qualquer problema em nível de inteligência, isto demonstra que o individuo, mesmo que apresente suspeita de dislexia e que esteja passando pelo processo de avaliação, o seu estado não implica que a sua dificuldade é acentuada, ou mesmo provocada pela falta de inteligência.

Os disléxicos são alunos que necessitam de atenção especial no processo de letramento. O professor deve saber detectar o potencial do educando e explorá-lo visando atender as suas necessidades e respeitar suas limitações. Para isso devem capacitar-se, buscar informações e desenvolver atividades adequadas para estimular as habilidades dos disléxicos e ajudar na superação de suas dificuldades MARTINS, (20014).

A pesquisa de campo comprovou que os professores em geral não possuem condições de perceber a dislexia nos alunos. Portanto há muito que fazer e qualificar, visando em uma pedagogia efetiva e de qualidade no sentido de garantir o AEE- Atendimento Educacional Especializado, satisfatório para atender as demandas dos alunos disléxicos, dar estratégias e modos de aprendizagem que correspondem com os princípios inclusivos que a legislação não determina, pois

para trabalhar com crianças disléxicas é necessário que o professor tenha empatia, aceitação e motivação. Foi questionado se as professoras tem conhecimento sobre a lei 4095/2008 que tornou o disléxico como deficiente especial, a resposta das professoras foi que não tem conhecimento sobre essa lei, pois na visão delas os disléxicos não são deficientes especiais, os disléxicos só tem uma dificuldade de aprendizagem.

Para o processo de letramento e a escrita dos disléxicos é necessário um trabalho em conjunto entre o professor, a direção da escola, equipe pedagógica e médica em prol do desenvolvimento dessas crianças, fazendo as mudanças necessárias e se adaptando a realidade dos disléxicos. TEIXEIRA, (2014).

A missão do pedagogo e do graduando em pedagogia é dizer que podemos conviver com as diferenças e ver que as diferenças nunca diminuem e sim somam valores e multiplicam com as experiências de cada aluno mostrando os caminhos, sem criticar as dificuldades.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo das concepções dos professores do ensino fundamental sobre a dislexia foi de grande importância para o alcance dos objetivos propostos. O presente trabalho, embora fosse preciso de uma amostra maior de professores de matérias ou séries específicas, permitiu retirar diversas conclusões a respeito do ponto de vista dos educadores frente à dislexia.

Os dados expostos revelam concepções heterogêneas e por vezes contraditórias. De modo geral, percebemos que não há falta de informação quanto ao termo “dislexia”, no entanto, há superficialidade e confusão quanto à posição dos professores. Ora conhece a dislexia, ora desconhece as causas, ora pode detectar os sinais de um disléxico, ora nega experiência com os mesmos na sua carreira. A finalidade dos dados não buscou condenar o despreparo do professor para a dislexia, mas nos levou a questionar se essa realidade deriva das graduações (que ofertam poucas cadeiras para abordar sobre esses transtornos ou abordam superficialmente), da pouca procura do professor (que se encontra acomodado na busca de conhecimento) ou da oferta escassa (que deve ser oferecido pelo sistema

para qualificar seus profissionais). Poderíamos ainda atribuir essa realidade ao conjunto desses três fatores juntos, o que seria ainda mais sério.

Contudo, percebemos que a falta de preparo do professor foi o que ficou evidenciado nessa pesquisa. Essa realidade, encontrada nas escolas, nos desperta para uma reflexão no contexto geral de que muitos disléxicos têm sua vida estudantil fragmentada ou interrompida por não ter a compreensão que precisa na escola, principalmente do educador. Não queremos aqui atribuir a culpa do fracasso escolar do disléxico ao professor, mas muito poderia ser feito por esse profissional se o mesmo fosse qualificado. Sabendo que é o professor um dos primeiros profissionais a confrontar-se com essa dificuldade, com os dados obtidos nesse questionário asseguramos que há urgência em tornar ativo o profissional que o público disléxico necessita.

Neste contexto, o papel dos professores no letramento dos disléxicos vai além de ensinar. Tem que haver modificações, inovações, novas tecnologias para a sala de aula e acima de tudo perceberem o que os alunos têm a dizer. Assim, os disléxicos conseguiriam atingir os objetivos desejados na aprendizagem e domínio da leitura e escrita.

Assegurar a criança disléxica um sistema educacional de qualidade é muito importante, e para que isso aconteça é indispensável à colaboração de educadores na tarefa de ajudar essas crianças, encorajando-as; compreendendo-as; tendo muita paciência, pois o disléxico leva mais tempo para realizar suas tarefas; lembrar sempre que ele é capaz e criativo; saber a forma apropriada para ensinar a criança; não exercer pressão sobre ela; não fazer comparações com outros membros da escola; motive-a; incentive-a, essas são apenas algumas das dicas que irão ajudar você a lidar com o disléxico, portanto é necessário procurar sempre se informar sobre o melhor a fazer em cada situação, tendo consciência de que é necessário que cada um faça sua parte e assim com certeza ficará muito mais fácil se relacionar com as crianças que sofrem desse distúrbio.

Espera-se que este trabalho seja referência a muitos educadores, para que os ajudem a lidar com os disléxicos, propiciando a eles uma vida em ambiente escolar sem preconceito e sem repreensão.

## REFERÊNCIAS

ALVES; *et al.* **Dislexia**: Novos Temas, Novas Perspectivas. Editora WAK. Rio de Janeiro, 2013.

Associação Brasileira de Dislexia (ABD). Disponível em: [www.dislexia.org.br](http://www.dislexia.org.br) Acesso em: 20 out. 2017.

BOGDAN, Robert C; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos Editora Porto. Porto Alegre, 1994.

BRASIL, LDB. Lei N° 9.394/96 – **Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.html). Acesso em: 05 out. 2017.

BRASIL, LDB. Lei N° 4.095/08 - **Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: [http://www.tc.df.gov.br/sinj/Norma/57081/61950\\_58CC\\_textointegral.pdf](http://www.tc.df.gov.br/sinj/Norma/57081/61950_58CC_textointegral.pdf). Acesso em: 12 out. 2017.

FARREL, Michael. **Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem específicas**: guia do professor. Trad.: Maria Adriana Veríssimo Veronese. Editora Artmed. Porto Alegre, 2008.

Revista de Educação do IDEAU (REI) publicação eletrônica, vol. 6 nº 13 **DISLEXIA UM NOVO OLHAR**. Disponível em: <http://www.ideau.com.br/getulio/anterior/index/16/REI+18072011>. Acesso em: 02 nov. 2017.

TEIXEIRA, Sirlândia; MARTINS, Solange. **Dislexia na Educação Infantil**. Editora WAK. Rio de Janeiro, 2014.